

## OPERAÇÕES METAFÓRICAS E METONÍMICAS NA CONSTITUIÇÃO DO DUPLO VOCABULÁRIO APURINÃ (ARUÁK)

## METAPHORIC AND METONIMIC OPERATIONS IN CONSTITUTION OF THE DOUPLE VOCABULARY APURINÃ (ARAWAK)

Bruna Fernanda Soares de Lima Padovani

### RESUMO

O presente trabalho visa descrever as operações metafóricas e metonímicas que subjazem o fenômeno de Duplo Vocabulário da língua Apurinã - uso de duas ou mais formas para designar um mesmo referente. Os dados utilizados neste trabalho foram coletados in *locus* entre os anos de 2013 e 2020, junto a várias comunidades Apurinã, além de dados de pesquisa anteriores (FACUNDES 2000, BRANDÃO 2006; BARRETO 2007). O estudo se articula no quadro teórico-metodológico da Linguística Cognitiva (LAKOFF; JOHNSON 1980; LAKOFF 1987; KÖVECSES 2010, 2015) e da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]). Os resultados obtidos indicam que o fenômeno de Duplo Vocabulário se constitui a partir de um sistema de estruturas cognitivas associadas ao armazenamento de conhecimento culturalmente compartilhado que interliga referentes distintos no léxico Apurinã. Tal conexão é realizada a partir de uma coerência semântica construída por relações metafóricas e metonímicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metáfora. Metonímia. Duplo Vocabulário. Apurinã. Aruák.

### ABSTRACT

The present work aims to describe how metaphors and metonymics underlie the phenomenon of double Vocabulary in the Apurinã language - use of two or more forms to designate the same referent. The data used in this work were collected in *locus* between 2013 and 2020, from Apurinã communities, in addition to data from previous research (FACUNDES 2000, BRANDÃO 2006; BARRETO 2007). The study is articulated in the theoretical-methodological framework of Cognitive Linguistics (LAKOFF; JOHNSON 1980; LAKOFF 1987; KÖVECSES 2010, 2015) and Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]). The results indicate that the phenomenon of Double Vocabulary is constituted from a set of cognitive structures, associated with the culturally shared knowledge system that distinct references in the Apurinã lexicon. Such a connection is made from a semantics constructed by metaphorical and metonymic relationships.

**KEYWORDS:** Metaphor. Metonymy. Double Vocabulary. Apurinã. Arawak

## INTRODUÇÃO

Línguas indígenas de diferentes famílias linguísticas apresentam um alto nível de termos “sinônimos” distribuídos em seu léxico. Essa sinonímia, porém, não é fruto unicamente de fatores linguísticos fortuitos, como dinamicidade e/ou mudança da língua. O que parece ocorrer é um sistema de dupla nomenclatura motivado por diferentes fatores como: palavras tabus; vocativos; arcaísmo; incorporação de vocabulário de cativos; conhecimento especializado de um determinado campo semântico (como caça; pesca; alimentação; plantas medicinais; etc.), entre outros fatores (FLECK; VOSS, 2006; DIENEST; FLECK, 2009).

Fleck e Voss (2006), por exemplo, identificaram em Matsés, uma língua da família Pano falada no extremo oeste da Amazônia Brasileira e no Peru, um conjunto de termos sinonímicos motivados por:

- (i) *tabus culturais* - o qual requer que os seus falantes não usem os nomes ou apelidos de pessoas recentemente falecidas, nem palavras que sejam julgadas fonologicamente semelhantes a eles. Isto, por sua vez, demanda a introdução constante de novos termos no sistema lexical Matsés para substituir temporariamente essas formas que não podem ser pronunciadas;
- (ii) *incorporação de cativos* - a captura de mulheres e crianças de outros grupos étnicos era uma prática comum entre os Matsés até o início do século XXI. As mulheres capturadas, segundo Fleck e Voss (2006), se tornavam esposas de homens Matsés. Tradicionalmente, esses homens eram responsáveis por ensinar suas esposas cativas a falar Matsés e nesse processo eles e outras pessoas da família aprenderam muitas palavras e algumas frases nas línguas de suas esposas. Esse conhecimento linguístico, de acordo com os autores, teria sido uma fonte potencial de sinônimos e palavras de substituição temporária para as palavras tabus, mencionadas acima;
- (iii) *caça* - entre os Matsés a caça é uma atividade de bastante prestígio. Um aspecto muito importante para ser um bom

caçador além, obviamente, de trazer alimento para casa, é o conhecimento acerca dessa atividade, como, por exemplo, o grande repertório de sinônimos e hipônimos para animais de caça. De acordo Fleck e Voss (2006), os caçadores Matsés usam os termos secundários para as caças, especialmente quando contam histórias de suas caçadas. Os jovens caçadores, por sua vez, costumam usar as formas sinônimas para exibir à comunidade seus conhecimentos sobre os animais de caça. Os autores relatam também que os Matsés mais velhos usam os termos sinônimos como forma de diversão, confundindo os caçadores jovens que ainda não dominam as formas sinônimas.

Dienst e Fleck (2009) observaram também, em algumas línguas da família linguística Aruá, faladas no Sul do estado do Amazonas, um duplo sistema de nomenclatura para a terminologia de animais de estimação. Os animais mantidos como de estimação, em geral, são animais silvestres, como antas, pacas, veados, macacos e aves. Esses animais são capturados na natureza quando ainda são pequenos, geralmente, quando uma fêmea com descendentes é morta por um caçador que em seguida leva o filhote do animal para sua casa. Cabe ressaltar que esses animais servem, primeiramente, como fonte de alimentação para as sociedades indígenas; ou seja, além de servirem como alimentos, esses animais apresentam uma segunda função dentro dessas culturas, que é de animal de estimação.

A maioria dos grupos étnicos não costuma dar um nome específico para os animais de estimação, se referindo a eles pelos nomes de suas espécies; no entanto, Dienst e Fleck (2009) destacam que em muitas sociedades a importância cultural dos animais de estimação é refletida na língua por um vocabulário diferenciado. Essas formas, segundo os autores, geralmente não podem ser usadas como nomes referenciais e também não são nomes próprios, já que todos os animais da mesma espécie são chamados pela mesma palavra. Nesse sentido, os autores afirmam que tais formas se comportam na língua como vocativos. Na língua Apurinã, objeto de investigação deste trabalho, verificamos um caso desse tipo. De acordo com os nossos colaboradores, a 'paca', espécie de roedor, pode ser chamada de *kaiaty* ou de *txipama*, sendo que

esta última forma é usada apenas para se referir a 'paca' que se cria em casa desde quando ela é um filhote. Esses vocativos para animais de estimação, nessas línguas, podem ser compreendidos como um traço linguístico que distingue o *status* entre animais de estimação e de caça.

Em Apurinã observamos também um duplo sistema de nomenclatura, principalmente, para os elementos de fauna e flora. Esse fenômeno em Apurinã vem sendo chamado de Duplo Vocabulário por Lima-Padovani (2016; 2020). A língua Apurinã compõe a família linguística Aruák, falada pelo povo de mesmo nome que habita tradicionalmente às margens de vários tributários do rio Purus, no Sul do Estado do Amazonas e em comunidades ao longo da rodovia 317, que liga as cidades do Rio Branco e Boca do Acre<sup>1</sup>. A população Apurinã possui aproximadamente 7 mil pessoas, mas apenas cerca de 10% dessa população fala a língua, sendo que apenas os mais velhos são falantes ativos (FACUNDES, 2000; LIMA-PADOVANI, 2020).

Este artigo possui a seguinte estruturação: na seção 1 será descrito o fenômeno de Duplo Vocabulário, seguido da descrição da metodologia empregada para se identificar o fenômeno em questão. Na seção 2 é apresentado o sistema de dupla nomenclatura em Apurinã, incluindo discussões teóricas acerca das relações metafóricas e metonímicas que subjazem a formação do Duplo Vocabulário em Apurinã. Encerrando o trabalho, seção 3, temos algumas considerações sobre os resultados observados nesse estudo.

## 1 O DUPLO VOCABULÁRIO APURINÃ

O fenômeno de Duplo Vocabulário Apurinã consiste em itens lexicais que apresentam uma aparente sinonímia, em que mais de uma palavra é usada para se referir ao mesmo elemento conceitual. Um exemplo disso seria a forma como os Apurinã nomeiam o conceito 'cipó-de-tracuá'. O mesmo conceito pode ser chamado de *tũnytsa* ou de *katxipukyrytsa* (*katxipukyry* 'formiga' + *tsa* nome

---

<sup>1</sup> Há também um número bastante significativo de Apurinã vivendo fora das aldeias, principalmente nas periferias das cidades de Rio Branco (AC), Boca do Acre (AM), Pauini (AM), Lábrea (AM), Tapauá (AM), Jatuarana (AM), Manaus (AM) e alguns vivendo em terras indígenas de outras etnias, sendo duas com os Paumari nos lagos Paricá, Marahã, uma com a etnia Jamamadi do Lourdes e uma com os índios Torá, na terra de mesmo nome no município de Manicoré (AM) e com etnias Tupí em Rondônia (FACUNDES, 2000; LIMA-PADOVANI, 2016, 2020).

classificatório para coisas finas e alongadas). A distinção entre os elementos desse par de nomes é que, enquanto o primeiro é mais comumente usado no dia a dia, caracterizando-se como a forma referente, o segundo aparece em contextos mais restritos.

A forma *katxipukyrytsa* está relacionada à função que o cipó exerce para as formigas. Segundo relatos dos consultores, as 'formigas' utilizam o cipó para construir sua casa. Por isso, esse tipo de cipó recebe o mesmo nome do animal que vive nele. Vale destacar que essa forma costuma ser usada apenas quando os falantes desejam enfatizar essa propriedade do 'cipó-de-tracuá'. Esta afirmação é corroborada pelo seguinte episódio: em uma das viagens a campo, pudemos observar o uso espontâneo da forma *katxipukyrytsa*. Um dos senhores da comunidade havia ido buscar cipó-de-tracuá no mato para utilizar no xingané<sup>2</sup> que a comunidade estava organizando. Quando o senhor retornou, jogou o cipó-de-tracuá no chão, e passou a tirar formigas do seu corpo. Em seguida, ele começou a explicar que as formigas tracuás vivem nessa espécie de cipó. Nesse momento, ao mencionar o cipó, o falante usou a forma *katxipukyrytsa*.

Diante de exemplos como o descrito acima, conclui-se que o fenômeno de Duplo Vocabulário ocorre quando os falantes desejam dar ênfase a uma propriedade específica do elemento em questão e/ou também quando querem ressaltar a conexão entre elementos distintos dentro da cultura Apurinã. O Duplo Vocabulário parece ser, portanto, um produto de uma manipulação consciente do sistema lexical para servir a propósitos discursivo-pragmáticos adaptados aos contextos socioculturais das comunidades Apurinã.

Os itens lexicais da taxonomia de fauna e flora Apurinã são atualizados em um discurso particular, resultado de uma construção sociocultural e de uma escolha do falante, de acordo com as necessidades da situação comunicativa. É nessa interface das estruturas sociais e culturais associadas à produção lexical que se evidenciam as formas de cognição social, ou seja, os conhecimentos, os valores, ideologias e atitudes que organizam uma visão exclusiva de um grupo de falantes acerca da sua realidade.

Observamos, ainda, que o Duplo Vocabulário apresenta uma coerência construída a partir das relações metafóricas, metonímicas e pragmáticas que

---

<sup>2</sup> Festa noturna com cantos (cujas temáticas envolvem elementos da fauna ou flora) que geralmente ocorrem em ocasiões especiais.

motivam nomear um mesmo referentes com duas ou mais formas distintas. Tal coerência sugere haver uma rede semântica interligando referentes distintos no léxico Apurinã, revelando assim traços da visão de mundo dos falantes. Essas relações evidenciam o quanto a interação é significativa no processo de formação da nomenclatura da taxonomia Apurinã. De fato, ela desempenha papel fundamental nos atos comunicativos, visto que a língua se concretiza a partir do ambiente contextual de realização e da mesma forma que os organismos se integram para interagirem no meio. Ou seja, a realidade é um *continuum* cujos limites são definidos pelo observador, em outras palavras, pelos falantes da língua Apurinã.

### **1.1 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS**

Os dados apresentados neste trabalho foram coletados pela autora desse texto *in loco* entre os anos de 2013 a 2019, junto a vários indivíduos Apurinã de gênero, idade e comunidades distintas, de modo que se obteve um quadro representativo da comunidade de fala Apurinã<sup>3</sup>. Vale ressaltar que o estudo conta ainda com dados de pesquisas anteriores (FACUNDES, 2000; BARRETO, 2007; BRANDÃO, 2006).

A coleta do material linguístico para o desenvolvimento desse estudo se baseou nas práticas explicativas da literatura linguística acerca do trabalho de campo (KIBRIK, 1977; VAUX; COOPER, 1999), são elas: (i) elicitación de dados com falantes nativos; (ii) transcrição dos dados; (iii) verificação dos dados já coletados; (iv) processamento e análise dos dados.

As seções de coleta de dados foram documentadas em materiais de áudio e vídeo, totalizando 38h de gravação, aproximadamente, bem como de anotações escritas. Além disso, usamos também imagens de animais e diversas plantas, o que facilitou identificar os elementos que compõem o Duplo Vocabulário Apurinã. Os dados coletados durante a pesquisa foram comparados àqueles coletados em pesquisas anteriores que fazem parte do acervo da língua Apurinã.

Para realização deste trabalho, contamos, principalmente, com a

---

<sup>3</sup> Os dados que permitiram a realização deste trabalho foram coletados em sete viagens a campo. Todas as viagens a campo somam um total de 180 dias, perfazendo aproximadamente cinco meses de pesquisa em área indígena.

colaboração de 52 indivíduos principais, entre homens e mulheres, e de inúmeros outros que contribuíram de forma episódica, com as discussões acerca das unidades lexicais da língua Apurinã. A maior parte dos colaboradores (24) está na faixa etária de 31 a 59 anos e são fluentes em português e em Apurinã. Os demais (19) são idosos, com faixa etária acima dos 60 anos e uma minoria (9) na faixa etária de 11 a 30 anos.

Os procedimentos metodológicos utilizados na investigação do fenômeno de Duplo Vocabulário seguiram três etapas principais. A primeira consistiu em um levantamento sociolinguístico do léxico da língua Apurinã realizado pela autora desse texto entre os anos de 2013 e 2016. Esse levantamento se baseou no modelo de análise dos estudos variacionistas (LABOV, 2008 [1972])<sup>4</sup>. Nessa etapa da pesquisa, identificamos o sistema de dupla nomenclatura na taxonomia de fauna e flora Apurinã. Em um segundo momento, selecionamos e organizamos o *corpus* referente ao Duplo Vocabulário. Na terceira etapa, nos dedicamos à descrição e análise do *corpus*.

A elicitación dos itens que compõem o Duplo Vocabulário Apurinã foi realizada em duas etapas. Fizemos, primeiramente, a elicitación dos termos do Duplo Vocabulário com os falantes Apurinã de modo simples, sem nenhum recurso; Isto é, apenas listamos os termos e os colaboradores indicavam a forma ou as formas que usavam para se referir a um dado elemento. Em seguida, voltamos a fazer a elicitación usando recursos visuais onde se mostrava para os falantes, imagens dos elementos que constituíam o *corpus*. Cabe destacar que as elicitaciones eram seguidas por discussões sobre a história natural (*habitat*, sons produzidos, alimentação, função etc.) dos itens de fauna e flora. Além disso, para cada item era perguntado aos falantes: (i) se eles conheciam outros nomes (nos casos em que os falantes não ofereciam espontaneamente as duas formas); (ii) por que tal elemento tinha dois nomes – como explicação, os falantes sempre frisavam propriedades específicas dos elementos, como, por exemplo, sua conexão com outros elementos, e/ou sua função dentro da cultura Apurinã; (iii) em que contexto era usado uma forma ou outra, onde eles voltavam a destacar

---

<sup>4</sup> O levantamento sociolinguístico do léxico da língua Apurinã foi realizado como parte da pesquisa realizada pela autora no âmbito do mestrado. O levantamento teve como objetivo identificar as variantes da língua, bem como os fatores linguísticos e extralinguísticos envolvidos na formação dessas variantes (Ver LIMA-PADOVANI, 2016).

as propriedades elencadas no item acima; (iv) se era mantido como animal de estimação; (v) se havia uma subespécie. Vale ressaltar que na elicitación dos dados, alguns grupos de falantes ofereciam as duas formas espontaneamente. Primeiro, eles ofereciam a forma referente, a menos marcada e logo em seguida era mencionado uma forma mais descritiva dos conceitos em questão.

Na próxima seção, apresentaremos de modo mais sistemático as ocorrências do Duplo Vocabulário Apurinã. Buscaremos demonstrar que os padrões metafóricos e metonímicos são operações cognitivas utilizadas pelos falantes de Apurinã na categorização de fauna e flora. Além disso, descreveremos e analisaremos cada par de palavra observando a sua referência com outros elementos linguísticos e extralinguísticos.

## **2 O SISTEMA DE DUPLA NOMENCLATURA EM APURINÃ**

Como vimos na primeira seção, em Apurinã a nomenclatura de alguns elementos da taxonomia de fauna e flora derivam de seu duplo estatuto de denominação; isto é, da possibilidade de designar um conceito a partir de dois parâmetros distintos que consistem na: (i) formação de nomes que apresentam significados mais neutros, menos marcados, caracterizando-se como formas referentes na língua, sendo usadas no dia a dia; e (ii) formas com um significado mais descritivo, usadas apenas em contextos específicos. Verificamos que o sentido descritivo desses conceitos é motivado pelas propriedades físicas, comportamentais e funcionais dos seus referentes e também pela sua relação com outros elementos da cultura Apurinã. Observamos que, em geral, os nomes mais descritivos que constituem esse sistema de dupla nomenclatura são estruturados a partir de padrões metafóricos e metonímicos (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987).

A seguir, apresentaremos exemplos desses pares de palavras e destacaremos também as características comuns entre os dois domínios experienciais, construindo um espaço comum entre ambos os domínios.

### **2. 1 A METAFORIZAÇÃO NO PROCESSO DE DENOMINAÇÃO DA FAUNA E FLORA APURINÃ**



O processamento metafórico é natural, reestrutura aspectos da experiência, do pensamento e da linguagem em um meio natural. A metáfora é essencialmente um mecanismo que envolve a conceitualização de um domínio de experiência em termos de outro. O domínio de experiência usado para compreender outro domínio é tipicamente mais físico, mais diretamente experienciado, mais conhecido do que o domínio que queremos compreender, que geralmente é mais abstrato, menos experienciado e menos conhecido (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987).

O entendimento da metáfora se daria por meio de buscas de similaridades entre termos comparados. Para cada metáfora, é possível identificar um domínio-fonte (aquele a partir do qual conceitualizamos alguma coisa metaforicamente) e um domínio-alvo (aquele que desejamos conceitualizar). Para os autores, o domínio-fonte implica propriedades físicas e áreas relativamente concretas da experiência; por sua vez, o domínio-alvo tende a ser mais abstrato ou mais específico dependendo da situação. Segundo Lakoff e Johnson (1980)<sup>5</sup>, as relações feitas entre os domínios (fonte e alvo) são conduzidas por um mapeamento metafórico em que:

o domínio-fonte é estruturado por um modelo proposicional ou uma imagem esquemática. O mapeamento é tipicamente parcial; mapeia a estrutura do domínio-fonte para uma estrutura correspondente no domínio-alvo. Os domínios fonte e alvo são representados estruturalmente por esquemas de contêntores, e o mapeamento é representado por um esquema de fonte-caminho-meta (LAKOFF; JOHNSON 1980, p. 288).

Para Kövecses (2015), esses domínios de experiências são representados na mente como *frames* mentais ou modelos cognitivos. Os *frames* são sistemas estruturados de conhecimento armazenados na memória de longo prazo e organizados a partir da esquematização da experiência (FILLMORE, 1982). A interpretação de um determinado conceito ou de um conjunto de conceitos requer o acesso a estruturas de conhecimento que relacionam elementos associados às experiências humanas, considerando-se as bases físicas e culturais

---

<sup>5</sup> “The source domain is assumed to be structured by a propositional or image-schematic model. The mapping is typically partial; it maps the structure in the source domain onto a corresponding structure in the target domain. As we mentioned above, the source and target domains are represented structurally by CONTAINER schemas, and the mapping is represented by a SOURCE-PATH-GOAL schema”.

dessa experiência. Associando a noção de *frame* a processos de categorização, Lakoff (1987) desenvolveu o conceito de Modelo Cognitivo Idealizado (MCI). A noção de MCI, embora também represente uma estrutura de conhecimento armazenada na memória de longo prazo, pode ser mais complexa e organizada que a noção de *frame*.

Kövecses (2015) argumenta também que os indivíduos, em geral, produzem metáforas sob a influência de dois tipos de pressão: i) da experiência corporal (segundo a visão da Linguística Cognitiva em que as metáforas primárias têm como base as correlações com as experiências corporais e, por isso, elas são corporificadas); e ii) do contexto ao seu redor, cujo recorte se pauta esta análise. Segundo o autor, o contexto pode ser observado a partir de um contínuo gradual cuja perspectiva se estabelece do mais geral para o mais específico e tem como extremos, respectivamente, o contexto global e o contexto local.

O contexto global é formado por aqueles fatores que afetam todos os membros de uma comunidade de fala, quando conceituam algum elemento metaforicamente. O contexto global constitui-se de alguns fatores contextuais e, dentre eles, podem ser destacados o ambiente físico, o contexto cultural, os fatores sociais e a memória diferencial. As metáforas, segundo Kövecses (2010), serão produzidas de forma mais diferenciada quanto mais variado for o ambiente físico das regiões, e sua produção terá influência direta de fatores como os acidentes geográficos, a fauna e a flora. Por sua vez, o contexto local é entendido pelos fatores contextuais imediatos; isto é, que se aplicam a conceptualizadores particulares em situações específicas. O contexto local também influencia na conceitualização da produção metafórica por meio de vários outros fatores: i) ambiente físico imediato; ii) contexto cultural imediato; iii) ambiente social imediato; iv) conhecimento sobre as principais entidades do discurso; e v) contexto linguístico imediato.

Segundo Kövecses (2010), os fatores contextuais podem tanto levar ao aparecimento de expressões metafóricas convencionais quanto ao surgimento de expressões novas ou não-convencionais. Para o autor, as pessoas usam esse recurso linguístico na tentativa de serem coerentes com a maioria dos fatores que regulam a conceitualização do mundo. Em outras palavras, os falantes tentam ser coerentes em relação a vários aspectos da situação de comunicação

no processo de criação dos sentidos metafóricos de um dado elemento.

Desse modo, a língua, e principalmente o léxico, seriam vistos como reflexo do sistema conceptual humano. Por sua vez, as metáforas seriam o veículo para os sistemas de conhecimento que são relevantes e centrais em uma determinada cultura. A metáfora está presente na linguagem do dia a dia, dentro de várias instâncias discursivas. Ela é parte importante na construção de sentido, estruturando os sistemas conceptuais e determinando, assim, a maneira de perceber o mundo e de falar sobre ele.

No que corresponde ao fenômeno de Duplo Vocabulário da língua Apurinã, observa-se que algumas unidades lexicais que a constituem estão presentes no raciocínio metafórico dos falantes que procuram ancorar a compreensão de alguns elementos da fauna e flora em outros elementos que são mais comumente ou concretamente experienciados por eles dentro de sua cultura. Ou seja, conceitos concretos são mobilizados para entendimento, explanação e descrição de um conceito menos concreto. Em Apurinã, esses processos envolvem dois mecanismos: (i) a transferência conceitual, que aproxima domínios cognitivos diferentes, mas relacionados; (ii) a motivação pragmática, que envolve a reinterpretação induzida pelo contexto. Nos Quadros 1 e 2, apresentaremos alguns exemplos de processos de metaforização operando na formação de algumas unidades lexicais da língua Apurinã.

**Quadro 1:** Amostra parcial de casos de formas com sentido descritivo vs. não descritivos cuja semântica envolve características físicas

Nome em Português	Nome em Apurinã	
	Sentido descritivo	Sentido não-descritivo
1. café	<i>kỹpatykỹã</i>	<i>kapěe</i>
2. cipó-titica	<i>ixiwanenytsa</i>	<i>ãapetsa</i>
3. piau quati	<i>kapixixima</i>	<i>puwana</i>
4. quatipuru-roxinho	<i>ãkiti tikakiërike</i>	<i>kaxuky</i>
5. mané-magro	<i>aãke</i>	<i>kunusury</i>

Fonte: Adaptado de Lima-Padovani (2016; 2020).

No item 1, verificamos que a forma *kỹpatykỹã*, uma das formas usadas para designar 'café', parece ser uma extensão de sentido do conceito *kỹpaty*, que é a forma para nomear 'bananeira brava'. Isso acontece em virtude de *kỹpaty* ter

uma semente preta que se parece com a semente do café; ou seja, os Apurinã adotaram traços da similaridade física de *kỹpaty* (domínio-fonte) para nomear o conceito 'café' (domínio-alvo).

Em 2, observamos que a forma, *ixiwanenutsa* (*ixiwa* = tamanduá-bandeira + *nenu* = língua + *tsa* = nome classificatório para coisas finas e alongadas), que designa 'cipó-timbó-açu', está relacionada ao aspecto da língua do 'tamanduá-bandeira'. De acordo com os colaboradores, a forma achatada e alongada do cipó parece com a língua do 'tamanduá-bandeira'. Observe que o processo de formação dessa unidade lexical ocorre motivado por padrões metafóricos, em que há o mapeamento de propriedades físicas do 'tamanduá' (domínio-fonte) a propriedades físicas do 'cipó' (domínio-alvo).

No item 3, também é levado em consideração o aspecto do animal que possui listras iguais às do 'quati' *kapixi*. Observa-se que o processo de formação do item lexical, nesse caso, ocorre também motivado pela metáfora, uma vez que há o mapeamento de propriedades físicas do 'quati' (domínio-fonte) a propriedades físicas do 'piauí' (domínio-alvo).

Em 4, a forma *ãkiti tikakiërike* está relacionada ao aspecto da barriga do animal, a qual tem pintas que se parecem com as pintas da onça-pintada; por isso essa forma recebe o mesmo nome da onça. Portanto, a motivação de usar o nome que normalmente designa 'onça' para designar também 'quatipuru roxinho' é o mapeamento de propriedades físicas da 'onça' (domínio-fonte) a propriedades físicas da barriga do 'quatipuru' (domínio-alvo).

Em 5, 'mané-magro' recebe o mesmo nome usado para designar 'vara', *ãake*. Isso ocorre em virtude desse animal se parecer com uma 'vara'. A motivação de usar o nome que designa esse elemento para designar também 'mané-magro' é o mapeamento de propriedades físicas da 'vara' (domínio-fonte) a propriedades físicas do 'mané-magro' (domínio-alvo).

**Quadro 2:** Amostra parcial de casos de formas com sentido descritivo vs. não descritivos cuja semântica envolve padrões comportamentais

Nome em Português	Nome em Apurinã	
	Sentido descritivo	Sentido não-descritivo
1. onça-preta	<i>ãkiti mapiãnyry</i>	<i>ãkiti pumamary</i>
2. piranha	<i>akytsaru</i>	<i>(h)ũma(kyry)</i>

3. tamanduá	<i>kamyrikĩ</i>	<i>apasawatary</i>
-------------	-----------------	--------------------

Fonte: Adaptado de Lima-Padovani (2016;2020).

No item 1, para a forma *ãkiti pumamary*, os falantes da língua levam em consideração a cor do animal (o nome *pumamary* corresponde à cor preta). Já o termo *ãkiti mapiãnyry* está ligado ao hábito noturno do animal, pois o nome *mapiãnyry* está semanticamente relacionado ao nome *mapiã* que corresponde à 'escuridão, noite'. Ou seja, enquanto no primeiro caso a nomeação se baseia numa descrição física, no segundo ela se baseia numa descrição do comportamento do animal que possui hábitos noturnos.

A forma *akytsaru*, item 2, deriva do verbo *akytsaka* 'morder', uma vez que a piranha é um peixe voraz e de perigosa mordedura, que ataca homens e animais dentro da água. Aqui o mapeamento ocorre motivado pelo comportamento do animal. O falante projeta a ação de morder ao hábito da 'piranha' atacar por meio de mordidas.

O termo *kamyrikĩ*, do item 3, deriva do nome *kamyry*, forma que designa 'espírito', uma vez que esse animal, segundo relatado pelos Apurinã, some na mata como um espírito. Além disso, o tamanduá representa também na cultura Apurinã um sinal de que haverá morte na família, quando ele é visto na mata.

## **2.2 A METONÍMIA NO PROCESSO DE DENOMINAÇÃO DA FAUNA E FLORA APURINÃ**

Tradicionalmente, a metonímia é definida como deslocamento de significado, no qual uma palavra que normalmente é utilizada para designar determinada entidade passa a designar outra entidade. A contiguidade, por sua vez, é estabelecida em termos de associação na experiência contígua (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987; HILPERT, 2006).

Em Apurinã a metonímia tem, pelo menos em parte, o mesmo uso que a metáfora, mas ela nos permite focalizar em aspectos específicos da entidade a que estamos nos referindo. Projeta-se um domínio em outro a ele inerentemente relacionado em consequência de uma relação estabelecida localmente por uma função de caráter pragmático. Esse tipo de projeção desempenha um papel fundamental na organização do nosso conhecimento, promovendo meios de identificar elementos de um domínio através de sua contraparte em um outro

domínio (LAKOFF: JOHNSON, 1980). Isto é, a metonímia é a projeção conceitual de um domínio cognitivo sobre outro, ambos pertencentes ao mesmo domínio cognitivo, de sorte que o domínio projetado (domínio-fonte) ressalta e proporciona acesso mental ao domínio sobre o qual se faz a projeção (domínio-alvo). O Quadro 3, abaixo, ilustra bem esse fenômeno em Apurinã.

**Quadro 3:** Amostra parcial de casos de formas com sentido descritivo vs. não descritivos cuja semântica envolve padrões comportamentais e funcionais

Nome em Português	Nome em Apurinã	
	Sentido descritivo	Sentido não descritivo
1. quatipuru-roxinho	<i>ãkiti tikakiërike</i>	<i>axipitiri</i>
2. gato maracajá	<i>txuwiriëne</i>	<i>putxukary; ãkiti</i>
3. taioca	<i>tũtĩi</i>	<i>aiuãke</i>
4. farinha	<i>katarukyry</i>	<i>parĩia</i>
5. canapu/camapu	<i>kytsynapunitikyte</i>	<i>mutumutuky</i>

Fonte: Adaptado de Lima-Padovani (2016; 2020).

O item 1, merece atenção, pois os nossos consultores Apurinã relataram que esse animal se alimenta dos dejetos da onça e, por isso, ele receberia o mesmo nome da onça, *ãkiti*. Nesse caso, além do processo de metáfora (que mencionamos na seção anterior), teríamos também padrões metonímicos operando no processo de nomeação desse elemento, uma vez que o 'quatipuru' alimenta-se dos dejetos produzidos pela 'onça'; ou seja, o conceito 'quatipuru' seria nomeado pelo nome do animal que produz o alimento que ele costuma consumir.

Em 2, a forma *txuwiriëne(ke)* está semanticamente relacionada ao nome *txuirikaru* que designa 'nambu-relógio'. Segundo relatos dos Apurinã, o 'gato maracajá' costuma imitar o som que o 'nambu-relógio' produz com o propósito de capturar o pássaro para se alimentar. Aqui o 'gato maracajá' é chamado pelo mesmo nome do animal que ele costuma se alimentar.

No item 3, a forma *tũtĩi* está relacionada ao hábito do jacu, uma vez que esse pássaro se alimenta de restos de pequenos insetos deixados pela formiga 'taioca'. Nota-se que a formação dessa unidade lexical ocorre motivado por padrões metonímicos entre os dois elementos, uma vez que a 'taioca' é chamada pelo nome do animal que se beneficia dos restos dos seus alimentos.

No item 4, verificamos que a forma *katarukyry* deriva de *kataruky*, um termo usado para designar um tipo de 'roça de macaxeira'. A macaxeira desse tipo de roça é usada também como matéria-prima para a produção de farinha na cultura Apurinã. Portanto, o termo nativo em Apurinã para 'farinha' surgiu a partir da extensão de sentido da forma *kataruky*, uma vez que antigamente não existia farinha, apenas beiju, na cultura tradicional Apurinã – como comprovam informações etnológicas encontradas nos relatos em Apurinã.

Em 5, observamos que a tradução literal da forma *kytsynapunitikyte* (*kytsyna* = 'calango' + *punitikyte* = 'pimenta') corresponde a expressão 'pimenta do calango'. A motivação de usar o nome do 'calango' na construção desta unidade lexical, segundo relatos dos Apurinã, consiste no fato deste animal se alimentar do 'canapu/camapu'. Nesse caso, teríamos a fruta chamada pelo mesmo nome do animal que se alimenta dela. Cabe destacar, ainda, que o emprego da forma que desina 'pimenta' se justifica, de acordo com os nossos colaboradores, pelo fato do canapu/camapu se parecer com uma 'pimenta'. Observa-se que, além da metonímia, temos também padrões metafóricos operando na construção do significado dessa unidade lexical, pois há o mapeamento de similaridades físicas da 'pimenta' (domínio-fonte) a do 'canapu/camapu' (domínio-alvo).

É interessante notar que a metonímia na construção das unidades lexicais em Apurinã promove o realce de um domínio específico no âmbito de um domínio-matriz complexo e abstrato. Além disso, ela possibilita colocar em evidência características específicas da entidade a que se faz referência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nos dados descritos acima, constatamos que o fenômeno do Duplo Vocabulário se constitui a partir de um sistema de estruturas cognitivas associadas ao armazenamento de conhecimento culturalmente compartilhado que interliga referentes distintos no léxico Apurinã. Tal conexão é realizada a partir de uma coerência semântica construída por relações metafóricas e metonímicas.

O Duplo Vocabulário está presente no raciocínio metafórico e metonímico dos falantes, que procuram ancorar a compreensão de algo novo naquilo que é

experienciado por eles. Ou seja, conceitos concretos são mobilizados para entendimento e descrição de um fenômeno menos concreto. Verificamos que esses processos, em Apurinã, envolvem dois mecanismos: (i) a transferência conceitual, que aproxima elementos que pertencem a domínios cognitivos diferentes, e (ii) a motivação pragmática, que determina qual unidade será usada em um dado contexto. Portanto, os processos semânticos envolvidos na formação dos itens lexicais que constituem o Duplo Vocabulário seriam pragmaticamente motivados.

Os padrões metafóricos e metonímicos que operam na formação da diversidade lexical em Apurinã interagem entre si, gerando um sistema complexo. Esse sistema se caracteriza pela existência de um domínio-fonte A, considerado bem-estruturado, e de um domínio-alvo B, que precisa ser estruturado para uma compreensão mais detalhada do conceito (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987). A ligação entre os elementos envolvidos é feita por meio de mapeamentos, sendo esses naturalmente motivados pela correlação estrutural e pragmática existente entre os domínios.

Destaca-se, ainda, o modo como o meio ambiente e o meio cultural podem favorecer a articulação das concepções metafóricas e metonímicas, as quais são refletidas no sistema lexical da língua Apurinã. As operações semânticas são ativadas cognitivamente a partir da experiência do falante com o meio físico que o circunda. O que fica marcado, todavia, é a representatividade do contexto físico na produção desses fenômenos linguísticos neste tipo de sociedade (KÖVECSES, 2010).

Observamos, ainda, através da análise dos nossos dados, que as metáforas e as metonímias que interagem na formação dessas unidades lexicais podem ser definidas como versões esquemáticas de imagens, concebidas como representações de experiências perceptuais, da interação que os indivíduos Apurinã têm com o universo que o rodeia (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987; KÖVECSES, 2010, 2015).

O Duplo Vocabulário pode ser, portanto, compreendido como um sistema tradicional de relações conceituais dinâmico em que alguns elementos dessa classificação são referidos e classificados de formas aparentemente distintas, porém em pleno acordo com o modelo cognitivo e/ou cultural em que ele se encaixa dentro da sociedade, cultura, história e cosmovisão Apurinã.



## REFERÊNCIAS

- BARRETO, Érica Lúcia. **Variação em Apurinã: Aspectos Linguísticos e Fatores Condicionantes**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras. Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2007
- BRANDÃO, Ana Paula B. **Dicionário da Língua Apurinã**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.
- DIENST, Stefan; FLECK, David W. **Pet Vocatives in Southwestern Amazonia**. In: *Antropological Linguistics*. Vol. 51, Nº 3-4. 2009. Pp. 209-243.
- FACUNDES, Sidney da S. **The Apurinã (Arawak) Language of Brazil**. SUNY-Buffalo: Tese de Doutorado. 2000.
- FILLMORE, C. Frame Semantics. In: **Linguistic Society of Korea** (ed). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hunshin Publishing, 1982. pp. 111-137.
- FLECK, David W.; VOSS, Robert S. On the Origin and Cultural Significance of Unusually Large Synonym Sets in Some Panoan Language of Wetern Amazonia. In: **Antropological Linguistics**. Vol 48, nº 4. 2006. pp- 335-368.
- HILPERT, Martin. Corpus-based Approaches to Metaphor and Metonymy. In Anatol Stefanowitsch, Stefan Th. Gries. **Keeping and eye on the data: Metonymies and their patterns**. Mouton de Gruyter Berlin. New York: 2006. P. 123-151.
- KIBRIK; A.E. **The Methodology of Field Investigations in Linguistics**. The Hague: Mouton, 1977.
- KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor: a practical introduction**. New York: Oxford University Press, 2010.
- KÖVECSES, Zoltán. **Where Metaphors come from: Recosidering Context in Metaphor**. New York: Oxford University Press, 2015
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. Original publicado em 1972.
- LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things**. Chicago: The University of Chicago, 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago; London: The University of Chicago, 1980.
- LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More than cool Reason: a field guide to poetic metaphor**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- LIMA-PADOVANI, Bruna Fernanda Soares de. **Estudo do Léxico da Língua Apurinã: uma proposta de macro e microestrutura para o dicionário**
- Σ SIGMA, Macapá, v. 3, n. 1, p. 62-79, jan. - jun. 2022.

**Apurinã.** 2020. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2020.

LIMA-PADOVANI, Bruna Fernanda Soares de. **Levantamento sociolinguístico do léxico da língua Apurinã e sua contribuição para o conhecimento da cultura e história Apurinã (Aruák).** 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

VAUX, Bert; COOPER, Justin. **Introduction to Linguistic Field Methods.** Lincom Europa, 1999.

## **Sobre a autora**

### **Bruna Fernanda Soares de Lima Padovani**

Doutora em Letras (Linguística) pela Universidade Federal do Pará – UFPA.

Contato: [bflimapadovani@gmail.com](mailto:bflimapadovani@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8504-3258>

**Artigo recebido em:** 17 de fevereiro de 2022.

**Artigo aceito em:** 19 de abril de 2022.